

PI 006

ESTUDO MULTICÊNTRICO DO USO DE ANTIMICROBIANOS EM UNIDADES DE TERAPIA INTENSIVA DE ADULTOS NO BRASIL

Luiz Gustavo Machado^a,
Daiane Silva Resende^a,
Paola Amaral de Campos^a,
Melina Lorraine Ferreira^a, Iara Rossi^a,
Iolanda Alves Braga^b,
Caio Augusto Martins Aires^c,
Alexandre Marcio Boschiroli^d,
Maria Tereza Freitas Tenório^e,
Maria Maryllya Ferreira Francisco^e,
Raniella Ramos de Lima^e,
Paulo Pinto Gontijo-Filho^a,
Rosineide Marques Ribas^a

^a Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil

^b Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil

^c Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Mossoró, RN, Brasil

^d Hospital Governador Celso Ramos, Florianópolis, SC, Brasil

^e Casa de Misericórdia de Maceió, Maceió, AL, Brasil

Introdução/Objetivo: Com o passar dos anos, tornou-se alarmante o uso excessivo e inapropriado de antimicrobianos no ambiente hospitalar, particularmente em países de baixa e média renda como o Brasil. O estudo teve como objetivos investigar as práticas de prescrição de antimicrobianos em pacientes hospitalizados em 58 Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) de adultos brasileiras, de hospitais terciários e não terciários.

Métodos: Foi realizado estudo multicêntrico através de inquéritos de prevalência pontual em 58 UTIs localizadas nas cinco regiões do Brasil: 6 UTIs no Norte, 10 no Nordeste, 2 no Centro-Oeste, 39 no Sudeste e 1 no Sul. Os hospitais coparticipantes foram selecionados de forma aleatória. As instituições foram organizadas de acordo com o tipo (hospital universitário ou não universitário) e porte (< 200 leitos, 200-400 leitos, > 400 leitos). Foram consideradas todas as prescrições de antimicrobianos administradas em pacientes internados no dia da coleta de dados e sua finalidade (terapêutica ou profilática).

Resultados: Foram incluídos 664 pacientes no estudo, dos quais 70,3% faziam uso de pelo menos um antimicrobiano, 46,0% recebiam tratamento direcionado para IRAS e apenas 38,5% dos casos baseavam-se em critérios microbiológicos. A prevalência de IRAS variou entre 32,1% e 83,3% e o uso de antibióticos entre 53,1% e 83,3%. Hospitais de ensino com > 400 leitos e aqueles com tamanho de 201-400 leitos tiveram as taxas mais altas de uso de antibióticos com 75,0% e 70,2%, respectivamente, já o tratamento empírico foi mais frequente em hospitais com < 200 leitos (75,6%) e que não eram de ensino (72,6%). Em geral, o tratamento foi mais comumente direcionado para pneumonia (47,5%) e infecções da corrente sanguínea (33,1%). Glicopeptídeos (43,1%) e Polimixinas

(39,0%) foram mais frequentes em Hospitais Universitários, β -Lactâmicos em combinação com um inibidor (75,2%), cefalosporinas de amplo espectro (70,0%) e carbapenêmicos (68,1%) em Hospitais não Universitários.

Conclusão: Nosso estudo fornece dados alarmantes sobre o consumo de antibióticos em UTIs de adultos brasileiras, onde infelizmente grande parte dos pacientes são submetidos a tratamento empírico e com isso possivelmente sua adequação deve ser rara devido à ausência de critérios microbiológicos. Esses resultados devem encorajar uma reavaliação do uso de antimicrobianos nos hospitais do país.

Apoio: FAPEMIG/PPSUS, CNPq, CAPES.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102002>

ÁREA: COVID-19

PI 007

ANÁLISE DA FREQUÊNCIA DE COINFEÇÕES POR SARS-COV-2 E DENV E AVALIAÇÃO DA GRAVIDADE DAS COINFEÇÕES EM RELAÇÃO ÀS MONOINFEÇÕES

Joyce Carnevale Rodrigues^a, Débora Familiar^a,
Fabiana Rabe Carvalho^b, Thalia Medeiros^b,
Andréa Alice da Silva^b,
Elzinandes Leal de Azeredo^a,
Luzia Maria de Oliveira Pinto^a

^a Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^b Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil

Paralelo à pandemia de COVID-19, Brasil continuou a enfrentar doenças tropicais como a Dengue. Mas, segundo os Boletins Epidemiológicos, os casos de Dengue no Brasil em 2020 foram subnotificados. O objetivo deste estudo é identificar a frequência de coinfeções por SARS-CoV-2 e DENV e avaliar a gravidade das coinfeções em relação às monoinfeções. Amostras de plasma de 143 pacientes COVID-19 de 2020, 15 doadores saudáveis e 15 pacientes com infecção por DENV de 2013 foram avaliados. Ensaios imunoenzimáticos utilizando testes comerciais foram realizados: Anti-SARS-CoV-2 IgA e IgG (Euroimmun), proteína NS1 do DENV (Platelia), anti-DENV IgM e IgG (Euroimmun). Dentre os doadores saudáveis foi detectado 75% de IgG anti-DENV; dentre os COVID-19, 75,9% IgA anti SARS-CoV-2, 66,7% IgG anti SARS-CoV-2, 80% IgG anti-DENV e por fim, IgM anti-DENV em 6 (4%) casos; dentre os casos confirmados de Dengue, IgA anti SARS-CoV-2 foi detectado em 1 caso (8,3%), IgG anti-SARS-CoV-2 em nenhum caso, NS1 de DENV em 41,7% e IgM anti-DENV em 33,3%. De acordo com o desfecho clínico, a presença ou não de sinais/sintomas no momento da coleta da amostras, os pacientes COVID-19 foram reagrupados em brandos/moderados, graves, óbitos e aqueles já recuperados dos sinais/sintomas. Os 6 casos de COVID-19/Dengue também foram avaliados separadamente. Observamos que idosos são maioria em COVID-19 graves e óbitos; mulheres são maioria dos COVID-19 recuperados; tosse é mais frequente em COVID-19; cefaléia, mialgia/

artralgia e vômito são mais frequentes na Dengue; pacientes COVID-19/Dengue foram aqueles com alterações vasculares. As DO IgA anti-SARS-CoV-2 foram mais elevadas nos COVID-19 graves, óbitos e COVID-19/Dengue comparados aos doadores saudáveis e pacientes Dengue; as DO IgG anti-SARS-CoV-2 foram mais elevadas nos COVID-19 comparados aos doadores saudáveis e pacientes Dengue; as DO IgA e IgG anti SARS-CoV-2 foram maiores nos COVID-19 óbitos comparado aos recuperados; COVID-19 recuperados ainda mantém níveis de detecção de IgA e IgG anti-SARS-CoV-2 detectáveis. Há diferenças clínicas, demográficas e de detecção de anticorpos anti-SARS-CoV-2 entre pacientes COVID-19 de acordo com o desfecho clínico e dias da doença. Até o momento, 6% de casos de COVID-19 com sugestiva infecção recente por DENV foram identificados. Os casos de coinfeção SARS-CoV-2/DENV estão sendo confirmados por RT-PCR DENV e esperamos a partir desses resultados, tirar mais conclusões.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102003>

PI 008

ANÁLISE DA METODOLOGIA LAMP PARA O DIAGNÓSTICO DE SARS-COV-2 EM AMOSTRAS DE NASOFARINGE

Caticibele Gamarra Quebing,
Lisiane da Luz Rocha Balzan,
Vlademir Vicente Cantarelli

Grupo Exame – DASA, Brasil

Introdução: A COVID-19 é uma infecção causada pelo SARS-CoV-2 um vírus altamente patogênico e de grande facilidade de adaptação a novos hospedeiros, possivelmente por sua alta taxa de recombinação viral, que traz desde sintomas leves como tosse seca, febre, diarreia, perda de olfato e paladar, até sintomas mais graves como dificuldade para respirar, dor ou pressão no peito, e muitas vezes levando ao óbito. Com o seu advento, e aumento de forma exponencial, se viu a necessidade de cada vez mais se obter testes de triagem e de diagnóstico com mais rapidez. Se sabe que a SARS-CoV-2 é um vírus RNA, da família Coronaviridae, e que a RT-qPCR é o método padrão-ouro no seu diagnóstico, possuindo alta sensibilidade, porém requer procedimentos mais onerosos e complexos. Como alternativa tem se investigado a utilização da amplificação isotérmica mediada por loop(LAMP), que além de baixo custo, faz uso de procedimentos mais simples.

Metodologia: Para a análise foi realizado um estudo transversal descritivo, sendo testadas 253 amostras de nasofaringe, de resultados já conhecidos para RT-qPCR, através da metodologia RT-LAMP colorimétrico que possui tempo de incubação em banho-maria a seco de 45min, e resultado lido através da alteração de cor na reação. Para avaliação dos resultados foram utilizados dados de especificidade, sensibilidade, VPP (valor preditivo positivo) e VPN (valor preditivo negativo).

Resultados: Os resultados obtidos foram divididos em 3 grupos, no 1º foram consideradas as amostras com carga viral alta, CT abaixo de 29, que respectivamente apresentaram

sensibilidade, especificidade, VPP e VPN de 83%, 100%, 100% e 96%, no 2º se tem amostras de carga viral baixa, CT acima de 30, onde foram obtidos os resultados de 30%, 100%, 100% e 96%, e no 3º foram avaliadas todas as amostras, no qual foram obtidos os resultados de 75%, 100%, 100% e 93%, onde 198 amostras eram verdadeiro-negativo, 41 verdadeiro-positivo, nenhum falso-positivo e 14 amostras falso-negativo.

Conclusão: Em concordância com artigos já publicados foi possível verificar que o método possui sensibilidade de 75%, com uma acurácia de 94%, mostrando ser viável o seu uso na detecção do vírus, principalmente em ambientes com poucos recursos, diferente do método padrão-ouro utilizado.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102004>

PI 009

ANÁLISE DE FATORES ASSOCIADOS A MORTALIDADE EM PACIENTES INTERNADOS COM A COVID 19 EM UM HOSPITAL PRIVADO EM SALVADOR-BAHIA

Aurea Paste^a, Aquiles Camelier^b, Nanci Silva^a,
Sullivan Hubner^a, Ana Paula Alcântara^a,
Margarida Celia Costa Neves^a, Adriano Silva^a,
Marcelo Chalhoub^a, Igor Brasil Brandão^a,
Aline Abreu^a, Antonio Bruno Valverde^a,
Lorena Galvão de Araújo^a, Marcus Pagani^a

^a Hospital Aliança Rede DOR

^b Hospital Aliança Rede DOR/Fundação Maria Emília

Introdução/Objetivo: O objetivo deste estudo foi analisar os fatores de risco associados a chance de óbito em indivíduos internados com SARS CoV 19 (COVID 19) em um hospital privado.

Métodos: Foram coletados, retrospectivamente, uma série de casos dos indivíduos diagnosticados com infecção pela COVID 19 (RT-PCR swab nasal - positivo) e internados no Hospital Aliança - Rede DOR, desde Fevereiro de 2020 a Janeiro de 2021. Foi realizada uma análise de regressão logística para estudar as variáveis clínicas associadas com um maior risco de morte. Um valor de $p < 0,005$ foi considerado estatisticamente significativo. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNEB sob o CAAE 34279620.4.0000.0057.

Resultados: Um total de 400 pacientes (58,5% homens, média de idade 63,7+17,6 anos) foram avaliados. As comorbidades mais comuns (nos prontuários com registro das comorbidades) foram, em ordem decrescente: Hipertensão Arterial (55,5%), Diabetes Mellitus (30,8%), Dislipidemia (23,6%) Obesidade (15,5%), Neoplasias Malignas (6,3%), Asma e DPOC (5% e 5,8% dos casos). Os sintomas mais comuns: Febre (66,8%), Tosse (61,3 %) e Dispneia (47,0%). Os pacientes ficaram internados em média 14,6 + 10,5 dias. A mortalidade geral foi igual a 14,8%. Usaram Ventilação Mecânica Invasiva 25% e Circulação Extracorpórea (ECMO 0,5% - 2 pacientes). Hemodiálise foi necessária em 5,8%. Em uma análise de regressão logística, foram incluídas as variáveis significativamente associadas com uma maior chance de óbito: Uso de Ventilação Mecânica,